

Planos de aula / Língua Portuguesa / 4º ano / Oralidade

## Reconto de lendas indígenas

Por: Andréia Cristina Berretta Martins / 04 de Janeiro de 2019

Código: **LPO4\_02SQA12**

### Sobre o Plano

**Professor-autor:** Andréia Martins

**Mentor:** Greta Fragata

**Especialista:** Helóisa Jordão

Título da aula: **Reconto de lendas indígenas**

Finalidade da aula: **Recontar lendas indígenas para os alunos, considerando a sequência da história, a entonação, recursos expressivos e gestos. Construir, coletivamente, indicadores de avaliação tendo em vista características do gênero em sua modalidade oral.**

Ano: **4º ano do Ensino Fundamental**

Gênero: **Lendas indígenas**

Objeto(s) do conhecimento: **Relato oral/Registro formal e informal / Contagem de histórias**

Prática de linguagem: **Oralidade**

Habilidade(s) da BNCC: **EF15LP13 /EF15LP19**

Esta é a décima segunda aula de uma sequência de 15 planos de aula. Recomendamos o uso desse plano em sequência.

## Reconto de lendas indígenas

### Materiais complementares



**Documento**

**Atividade para impressão - Kanata Wenjausu: A origem da noite**

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/fSMG9JDA9NxQrQ5q7rWkRw2EtF2SHZdh2PndBMRNGZMPkz8cZUVBAJtJfsFp/atividade-para-impressao-kanata-wenjausu-a-origem-da-noite-lpo4-02sqa12.pdf>



**Documento**

**Atividade para impressão - A história dos cachorros**

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/65FUu6EQUuhEByDSEkPWaF4dyfCtJHR7zxQeMgpwCfwGwuEbHuGE8N9szAgp/atividade-para-impressao-a-historia-dos-cachorros-lpo4-02sqa12.pdf>



**Documento**

**Atividade para impressão - Juruá vira peixe**

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/WYpu759qrtsvr9D6QGUrakDRg6EHW6k8wcxys79Skh8JUutWEWk862PwgpSA/atividade-para-impressao-jurua-vira-peixe-lpo4-02sqa12.pdf>



**Documento**

**Atividade para impressão - Iauaretê-mirim e o rio**

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/6xtDAH4aTrANyndztAJUmsSDgMH9gHe7d9S8r2zBDQsH8E4wZPhmRm2qFc8/atividade-para-impressao-iauarete-mirim-e-o-rio-lpo4-02sqa12.pdf>



**Documento**

**Atividade para impressão - O saber dos avós**

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/4bzJrz9YTYKemXnPvDu2gXsCU8dHngFBYebatnPZP6mRkU3y6UJrQQkkGsXG/atividade-para-impressao-o-saber-dos-avos-lpo4-02sqa12.pdf>



**Documento**

**Atividade para impressão - Tabela de autoavaliação da contação**

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/FYDfhk9MH6HkAVx6vtAazTSKHFc3PsJVB6vjukRCetFyYr4cnbxWDpfx3m5/atividade-para-impressao-tabela-de-autoavaliacao-da-contacao-lpo4-02sqa12.pdf>

## Reconto de lendas indígenas

### Slide 1 Sobre este plano

Este slide não deve ser apresentado para os alunos, ele apenas resume o conteúdo da aula para que você, professor, possa se planejar.

**Sobre esta aula:** Esta é décima segunda aula de uma sequência de 15 planos de aula com foco no gênero lendas indígenas e no campo de atuação artístico-literário. A aula faz parte do módulo de Oralidade.

**Materiais necessários:** Computador e projetor multimídia para passar os slides. Cópia dos textos (disponíveis nos materiais complementares). Cinco caixas médias ou sacos plásticos com os materiais descritos no slide 5. Papel Kraft ou metro, caneta hidrocor. Papel sulfite. Filmadora ou celular para gravar as apresentações.

**Informações sobre o gênero:** Lendas indígenas são narrativas de tradição oral que tratam sobre questões vinculadas à existência e a sentimentos como o medo, a coragem, a dúvida, o amor... falam sobre erros, acertos e sobre os enfrentamentos da vida, questões nem sempre fáceis de serem elaboradas. No Brasil, essas lendas inicialmente foram escritas por não indígenas, no intuito de fazer conhecer essa cultura, em um momento histórico em que se buscava construir uma identidade nacional. Entretanto, esses primeiros escritos, de caráter folclórico, muitas vezes trouxeram ideias genéricas sobre os índios. Desde os anos 90, a literatura indígena, escrita pelos próprios índios, vem ganhando força, e é por meio dela que buscaremos proporcionar aos alunos o conhecimento da pluralidade cultural do país, além do distanciamento de pré-julgamentos baseados em visões estereotipadas e pejorativas. Portanto, a leitura desses textos deve proporcionar a reflexão sobre como o outro vê e lê o mundo e como conta suas histórias. Nessas obras o texto é interativo e multimodal: as narrativas são permeadas de referências a sons, olfato, tato e sensações que podem ser mais bem descritas por quem de fato viveu ou esteve mais próximo dessas experiências, além de geralmente conter desenhos tradicionais (como os grafismos) e paratextos com informações adicionais relacionadas à cultura, língua e localização da etnia em questão. Esses textos literários provocam o imaginário e a fantasia, a curiosidade, sentido de descoberta e ao mesmo tempo promovem aprendizagens e

Título da aula: **Reconto de lendas indígenas**

Finalidade da aula: **Recontar lendas indígenas para os alunos, considerando a sequência da história, a entonação, recursos expressivos e gestos. Construir, coletivamente, indicadores de avaliação tendo em vista características do gênero em sua modalidade oral.**

Ano: **4º ano do Ensino Fundamental**

Gênero: **Lendas indígenas**

Objeto(s) do conhecimento: **Relato oral/Registro formal e informal / Contagem de histórias**

Prática de linguagem: **Oralidade**

Habilidade(s) da BNCC: **EF15LP13 /EF15LP19**

Esta é a décima segunda aula de uma sequência de 15 planos de aula. Recomendamos o uso desse plano em sequência.

## Reconto de lendas indígenas

questionamentos.

**Dificuldades antecipadas:** Muitos alunos podem apresentar dificuldades em fazer um reconto oral de lendas indígenas para um público específico, mesmo sendo colegas de uma faixa etária próxima. Isso pode ocorrer devido à insegurança com a proposta de reconto, por não estarem habituados com situações em que a sua fala está em evidência. Se os alunos estiverem inseguros ou tímidos, pode ocorrer de se confundirem, omitindo ou invertendo algumas partes da sequência das histórias. Para deixar o clima mais tranquilo ofereça tempo para o “aquecimento” e esclareça que o reconto é como uma brincadeira, que eles devem se divertir ao se apresentar, e que mesmo que não saia tudo conforme o planejado, é importante experimentar essa forma de oralidade para poder se aperfeiçoar.

**Referências sobre o assunto:**

FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2009.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas.** São Paulo: Ed. Ática, 2002.

JECUPÉ. Kaká Werá. **As fabulosas fábulas de IAUARETÊ.** São Paulo: Peirópolis, 2007.

KITHÂULU, Renê. **IRAKISU, o menino criador.** São Paulo: Editora Peirópolis, 2002. pp.13-14.

MUNDURUKU, Daniel. **Catando piolhos Contando histórias.** São Paulo: Escarlate, 2014. pp.36-39.

THIEL, Janice Cristina. **A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n4/09.pdf>.

Acesso em: 18 nov. 2018.

YAMÃ, Y. Sehappóri. **O Livro Sagrado do Povo Saterê – Mawé.** São Paulo: Ed. Peirópolis. 2007. pp.150-151.

## Reconto de lendas indígenas

### Slide 2 Tema da aula

**Tempo sugerido:** 1 minuto

**Orientações:**

Os textos selecionados para o reconto oral dessa aula, foram tema de estudo de aulas anteriores dessa sequência. É imprescindível que os alunos tenham familiaridade com as narrativas para poderem ter desenvoltura na contação da história. Por isso, caso não estejam seguindo essa sequência de aulas, reserve um tempo ao longo da semana para contar e ensaiar em grupos a contação dessas 5 histórias:

Kanata Wenjausu - A origem da noite

A história dos cachorros - Como os cachorros perderam o dom da fala

Juruá vira peixe

Iauaretê-mirim e o rio

O saber dos avós

As histórias são breves e estão disponíveis nos materiais complementares. Sugerimos que reserve 10 minutos por dia para compartilhar cada uma dessas histórias com os alunos e ensaiar a contação antes de realizar a atividade.

**Materiais complementares:** Textos para impressão:

[“Kanata Wenjausu - A origem da noite”](#)

[“A história dos cachorros”](#)

[“Juruá vira peixe”](#)

[“Iauaretê-mirim e o rio”](#)

[“O saber dos avós”](#)

# O espetáculo vai começar...

## Reconto de lendas indígenas

### Slide 3 Introdução

**Tempo sugerido:** 10 minutos

**Orientações:**

Inicie a aula dizendo aos alunos que eles terão um momento de descontração e aquecimento para as apresentações de contação de lendas desta aula. Forme uma roda com os alunos, todos deverão estar sentados, no centro da roda disponibilize vários objetos espalhados pelo chão (Ex: instrumentos de bandinha rítmica, óculos, animais de pelúcia ou fantoches, penas, arco, flecha, imagens, dentre outros). Oriente os alunos que a turma irá criar uma lenda indígena. Para contar essa lenda, é importante que lembrem-se que ela acontece em um lugar, num determinado tempo, tem personagens, haverá um conflito inicial e no final a resolução desse conflito. (Relembre as características do gênero, mas não se prolongue demasiado, pois esse é apenas um exercício de aquecimento). Pegue um objeto do centro da roda e dê início a história, depois seguindo a ordem dos alunos em roda, cada um deverá pegar outro objeto e continuar a sequência da lenda, até que todos participem. Promova um clima de descontração e brincadeira durante essa atividade.

**Eu começo**

**e**

**você continua...**

## Reconto de lendas indígenas

### Slide 4 Introdução

#### Orientações:

Ainda em roda, faça um check list do que não pode faltar na contação de histórias da turma, questione os alunos e registre os itens no quadro ou em papel kraft/metro.

Se estiver seguindo a sequência é bem provável que os alunos farão a lista sem dificuldades, caso não esteja seguindo auxilie os alunos nas respostas.

(Respostas prováveis: tom da voz, postura, gestos, uso adequado dos materiais, seguir a sequência da história, não repetir as palavras sem necessidade e evitar marcadores típicos dos textos orais não planejados como “tipo, né, daí”...)

# O que não pode faltar na nossa contação de histórias?

- 1 - \_\_\_\_\_
- 2 - \_\_\_\_\_
- 3 - \_\_\_\_\_
- 4 - \_\_\_\_\_
- 5 - \_\_\_\_\_

## Reconto de lendas indígenas

### Slide 5 Desenvolvimento

**Tempo sugerido:** 30 minutos

**Orientações:**

Nesta aula é esperado que todos os alunos já estejam separados em grupos, e já tenham ensaiado a contação das lendas escolhidas:

Kanata Wenjausu - A origem da noite

A história dos cachorros - Como os cachorros perderam o dom da fala

Juruá vira peixe

Iauaretê-mirim e o rio

O saber dos avós

Faça o sorteio da ordem das apresentações.

Disponibilize a caixa dos materiais de cada grupo e peça aos alunos que deixem separados os objetos que irão utilizar durante a contação.

*Kanata Wenjausu - A origem da noite ( dois vasos pequenos de barro, tampas para os vasos, papel preto ou outra cor escura para representar a noite, imagens de índios (ou fantoches), cocar, árvore feita com papel, passarinho de brinquedo ou imagem, sol feito com papel).*

*A história dos cachorros - Como os cachorros perderam o dom da fala (dois cachorros de pelúcia ou imagens do animal, gravetos, osso, corda, plantas artificiais, casa feita com papel, imagens de formigas, tatus e outros insetos).*

*Juruá vira peixe (fantoches ou personagem índio feito de papel, cocar, arco, flecha, imagem de uma muriçoca, imagem de um gigante, peixe de brinquedo ou imagem, papel celofane azul ou transparente).*

*Iauaretê-mirim e o rio (fantoche ou personagem índio feito de papel, cocar, papel celofane azul ou transparente, garrafa com água, imagens de onça e papagaio).*

*O saber dos avós (óculos para representar a avó, cesto, fantoche ou personagem de índios e índia feitos de papel, cocar, gravetos, peruca)*

(Em todas as caixas, além dos objetos ofereça também uma bandinha rítmica)

O local já foi pré-determinado pela turma (pode ser no anfiteatro da escola, no pátio, na própria sala de aula ou num ambiente externo).

Para que os objetos e os alunos se destaquem, você poderá usar como painel de fundo uma cortina preta de tecido ou TNT, e uma mesa sem muitos detalhes para colocar os objetos.

Vocês também podem confeccionar um cenário

# Últimos preparativos para a apresentação

- O professor fará o sorteio da ordem dos grupos se apresentarem;
- Cada grupo deverá separar o material que irá utilizar;
- Organização no espaço que será a contação de histórias;
- Avisem os convidados que o show vai começar.

## Reconto de lendas indígenas

numa aula anterior.

Oriente os alunos que imprevistos poderão acontecer, como algum aluno esquecer a sua fala, peça para os componentes do grupo auxiliar os amigos que precisarem de ajuda sem expô-los. Reserve um lugar para os componentes dos grupos se sentarem e convidem as outras turmas (1º e/ou 2º ano) para dar início à apresentação.

## Reconto de lendas indígenas

### Slide 6 Desenvolvimento

#### Orientações:

Faça uma breve apresentação às outras turmas sobre a contação das lendas indígenas que irão apreciar.

Dê início às apresentações seguindo a ordem do sorteio.

Ao finalizarem, faça um agradecimento junto com os alunos aos outros colegas e professores que assistiram as contações.

Não se esqueça que, nesse momento, é muito importante que faça a filmagem das apresentações para reproduzir aos alunos posteriormente.

**LUZ,**

**CÂMERA,**

**AÇÃO!**

## Reconto de lendas indígenas

### Slide 7 Fechamento

**Tempo sugerido:** 9 minutos

**Orientações:**

Esse fechamento deverá ser realizado na próxima aula, deixe os alunos à vontade para organizarem os materiais e espaço ao término das apresentações.

Reproduza o vídeo da apresentação das contações das lendas indígenas que fizeram na aula anterior. Projete o slide, faça os questionamentos para a turma, registre as conclusões no quadro e peça para que tomem nota no caderno. As respostas das questões 1 a 3 vão depender do desempenho da turma durante as contações das lendas.

Ao assistirem as apresentações, quais as características comuns de todas as lendas? (Nesta questão é importante que os alunos percebam as características do gênero como: os índios participam da história, a natureza e os animais estão sempre presente, acontece na floresta ou na aldeia, há um conflito e um desfecho).

O que é fundamental em uma exposição oral de lenda indígena? (Momento para discutirem sobre como fizeram a exposição das lendas, a importância dos objetos estarem de acordo com o trecho da história, da entonação, de se seguir a sequência da história, da necessidade de contá-la sem repetições desnecessárias).

Para finalizar, distribua a tabela de auto avaliação impressa (materiais complementares) para cada aluno e peça que preencham pensando na sua performance durante a contação da lenda. Solicite que os alunos que quiserem comentem sobre sua auto avaliação.

**Materiais complementares:** Para acessar a tabela de autoavaliação da contação para impressão clique [aqui](#).

## Avaliando o desempenho da turma

- 1 - Qual apresentação vocês gostaram mais? Por quê?
- 2 - O que mais chamou a atenção dos convidados durante as apresentações?
- 3 - Vocês têm alguma sugestão a dar aos outros grupos para melhorarem a sua contação de história?
- 4 - Ao assistirem as apresentações, quais as características comuns de todas as lendas?
- 5 - O que é fundamental em uma exposição oral de lenda indígena?

## KANATA WENJAUSU - A ORIGEM DA NOITE

Havia dois pajés: um, o mais velho, era mais sábio e se chamava Waninjalosu; o outro, o mais novo, chamado Sanerakisu, era um pouco atrapalhado. O mais sábio era o dono e cuidava das duas cabaças, walxusu, onde ficavam guardados a noite e o dia. Ele controlava a abertura das cabaças, mas a cabaça da noite ele controlava mais, para que o dia surgisse mais longo do que a noite.

Certa vez, Waninjalosu foi à casa de Sanerakisu e disse:

- Eu vou passar um tempo no campo e quero que você cuide das outras walxusu. A cabaça do dia você pode destampar e deixar toda aberta, mas a da noite abra só um pouquinho. Tome cuidado para que a noite não escape.

Sanerakisu se confundiu e trocou as walxusu de lugar. Na hora de abrir uma delas, pensou: “E agora? O que eu faço? Preciso continuar a fazer o dia e a noite aparecerem, senão, quando Waninjalosu voltar, vai ficar bravo comigo”.

Então, destampou totalmente uma das walxusu e... o mundo escureceu!

Na mesma hora ele tampou a cabaça outra vez, mas de nada adiantou: estava tudo escuro, não existia mais dia, era só noite, kanâtisu.

Sanerakisu ficou triste e não sabia o que fazer. Então, subiu numa árvore e ficou gritando para ver se alguém ouvia:

- Hu, u, u, u...Foi mudando um pouquinho a voz, virando passarinho, esticando a voz.

Ainda hoje ele fica de bico para cima esperando o sol nascer. Só anda e canta à noite, na época da chuva. É o pássaro chorão chamado uhsu, que significa “bico para cima”. Ele se parece com casca de árvore, por isso é muito difícil vê-lo.

Fonte:

KITHÃULU, Renê. **IRAKISU, o menino criador**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2002. p.13-14.

## **A HISTÓRIA DOS CACHORROS**

### **Como os cachorros perderam o dom da fala**

Antigamente, os cachorros falavam como gente; porém, um dia, depois de levarem um susto, nunca mais falaram.

Isso aconteceu quando um homem que tinha dois Cachorros maltratou-os.

Os cachorros e o dono deles iam sempre caçar juntos. Para todo lado que ele fosse, os Cachorros o seguiam e o aconselhavam sobre o jeito de caçar e pegar os bichos do mato.

Os Cachorros corriam atrás da caça e entravam nos buracos dos paus onde moram cotias, mukuras e tatus. Assim, o dono sempre conseguia apanhar a caça.

Quem trabalhava mais eram os Cachorros, mas quem comia descansado era o dono. E os Cachorros, coitados, depois de correrem muito pelo mato atrás dos bichos, apesar de cansados, só recebiam ossos e um caldo ralo de seu dono.

Certo dia, o dono dos Cachorros quis sair para caçar, mas os Cachorros recusaram-se a acompanhá-lo, pois estavam muito decepcionados. Porém, o dono bateu neles e ordenou que o seguissem. Não tiveram outra saída senão obedecer.

Já na mata, estavam completamente apáticos. Um dos Cachorros tentou fazer alguma coisa, mas ficou somente na tentativa; outro nem se mexeu, ficou deitado, observando saúba e carieiros que carregavam folhas de maniçoba para o reino dos insetos. "Elas fazem isso sem ninguém mandar e comem tanto quanto os outros", pensou. "Eu estou certo, não pode ser assim. Bem que merecíamos mais respeito e consideração do nosso dono."

O dono, vendo aquela situação, ficou preocupado e disse:

- O que será que está acontecendo com esses cachorros? Vou já descobrir! À tardinha, os três tomaram o caminho de casa sem nenhuma caça.

Os cachorros vieram atrás, mas não disseram nada ao dono.

O dono apressou o passo, chegou bem antes, escondeu-se atrás de uma casola de trepadeiras que descia de uma árvore de karapãñ'úba e ficou prestando atenção na conversa dos Cachorros:

- Por que você não quis caçar hoje?
- Porque, quando pegávamos muita caça, nosso dono não nos dava nada para comer. Ele pensa que não temos sentimentos. Nunca mais vou ajudá-lo a caçar. Havia muita comida, mas dormíamos com fome. E você? Por que não quis caçar?
- Eu quis, mas não consegui pegar nada. E, apesar de estar também decepcionado com o nosso dono, tenho muito medo de apanhar dele outra vez.

Depois de ouvir isso, o dono dos Cachorros decidiu dar um susto neles.

Quando eles estavam passando pela árvore onde estava escondido, o dono saiu de lá com tanta rapidez que os Cachorros se assustaram e perderam a fala. Foi este susto que fez os Cachorros perderem a voz, mas eles entendem tudo o que os humanos dizem.

mukuras: gambá amazônico  
casola: esconderijo; lugar coberto com trepadeiras e capins  
karapãñá ´ úba: árvore-de-mosquito, de grande porte  
saúba: sinônimo de saúva; nome de uma mesma família de formigas.

Fonte:

YAMÃ, Y. Sehaypóri. **O Livro Sagrado do Povo Saterê - Mawé**. São Paulo: Ed. Peirópolis. 2007. pp. 150-151.

## JURUÁ VIRA PEIXE

Juruá tornou-se um guerreiro muito zombador e muito rancoroso.

Dizia:

- Quem é esse Anhangá, que ninguém nunca viu? Aparece disfarçado de bicho, de inseto, de coisa. Ou deve ser muito feio ou muito covarde.

Os amigos diziam:

- Para, Juruá. Para de jogar palavras ao vento. Anhangá é sábio, mas também é severo. E, se o vento conta a ele essas coisas que anda falando, você pode se dar mal![...]

Juruá dizia que Anhangá era assassino e que havia matado Kamakuã, sua mãe.

O fato é que o vento foi assobiando bem baixinho, de ouvido a ouvido, até as palavras malditas de Juruá chegarem aos ouvidos de Anhangá.[...]

Então Anhangá se transformou no inseto mais insignificante, a muriçoca, e procurou Juruá.

- Eu vim te ajudar - disse a muriçoca no pé do ouvido de Juruá.

Paf, fez Juruá dando um tapa para matá-la, mas acabou acertando o próprio rosto.

- Eu vim te ajudar - disse a muriçoca no outro ouvido.

Paf, fez de novo Juruá, dando outro tapa no outro ouvido.

- Eu te mato, muriçoca falante! Sai, Anhangá assassino!

Então Anhangá foi embora e esperou um dia.

Juruá espalhou pela aldeia que Anhangá era mau e assassino, pois havia matado sua mãe.

Foi quando Anhangá apareceu de novo[...] - dessa vez como um gigante com voz de trovão para impor respeito.

- Escute, Juruá, você sabe que não matei sua mãe. Você sabe também que a mentira tem perna curta. Na verdade, salvei sua vida e de seus futuros filhos e netos.[...] Você foi avisado várias vezes. A natureza tem um limite, as nossas ações têm um limite.

- Você é que não tem limite nos seus castigos idiotas! Só porque sabe alguns truques, pensa que manda na floresta![...]

A paciência de Anhangá havia se esgotado. E Juruá continuou esbravejando[...] Até que Anhangá, do alto de sua gigantice, soltou um raio e puf!: Juruá virou um peixe.

Anhangá pegou o peixe, colocou-o no rio e disse:

- Pronto, pode esbravejar à vontade, o máximo que vai acontecer é sair bolhinha! E, de hoje em diante, tome muito cuidado: "o peixe morre pela boca!".

Fonte:

JECUPÉ. Kaká Werá. **As fabulosas fábulas de IAUARETÊ**. São Paulo: Peirópolis,

2007. p. 44-46.

## IAUARETÊ-MIRIM E O RIO



Do alto daquele jatobá, Iauaretê-mirim olhou e viu o rio de cima. Era verdadeiramente parecido com uma cobra enorme. Deve ser por isso que os Kamaiurá chamam de Cobra-Grande o espírito Mãe do rio.

Como era uma dessas manhãs de ouro e prata com que a Mãe do dia presenteia de vez em quando nossos olhos, e estava quente, Iauaretê foi à beira do rio beber água e começou a observar nas águas a sua imagem. Ficou olhando, olhando, olhando. Enquanto as águas corriam bem suavemente cantando uma canção ancestral, a imagem mudava de criança para menino e de menino para homem e de homem para velho e de velho para um tom dourado de prata, e assim ia circulando entre o silêncio e o som dos hábitos das manhãs, mudando, mudando, mudando.

- O que está acontecendo, Mãe Cobra-Grande? O que você quer me dizer?!
- Eu, nada. Somente canto.
- Mas quem é essa imagem?
- Que imagem?
- A que eu vejo em ti?
- Não sei, você é que vê.
- Mas como elas aparecem?
- Escute! Está ouvindo?
- Sim.
- Então, esse som é de Wahutedewá, o espírito do tempo. É ele que fabrica imagens. Mas dizem que ele é muito insatisfeito, muito perfeccionista, fica mudando a toda hora: mancha e desmancha, mancha e desmancha, mancha e desmancha.
- É isso mesmo que está acontecendo!
- Então é ele que está trabalhando. Eu só rio.
- Será que ele pode me ajudar a saber quem eu sou?
- Oras, você é Iauaretê-mirim, pronto. Assim como eu sou um rio que corre e canta.
- Sabe, é que às vezes sinto vontade de onça, às vezes penso como onça. Às vezes também fico matraqueando como um papagaio. Acho que é porque engoli um. Será que as coisas que a gente come fazem com que sejamos como elas?

- Bom, dizem alguns sábios que cada um é o que come.
- E a senhora, Mãe Cobra-Grande, o que pode me dizer?
- Eu digo que cada um também é o que sente. Já os pajés dizem que cada um é o que pensa que é.
- Mas, dona Cobra-Grande, depois que engoli o papagaio eu só sei perguntar, perguntar, perguntar. Falando nisso, onde eu posso encontrar Wahutedewá, o espírito do tempo?
- Eu não sei onde ele mora, mas ele acorda no nascente e dorme no poente. Às vezes, ele acorda de mau humor e talvez não queira muita conversa. Talvez não seja bom você se encontrar com ele.
- Por quê?
- Dizem que ele devora gente.
- Ah, ele é onça também?
- Não. Ele também devora árvore, planta, bicho. Tudo o que vê pela frente.
- Nossa!
- Sim. A melhor coisa é não se preocupar com ele e brincar a vida. Dizem que, quando a gente não liga pra ele e brinca a vida, ele não fica manchando e desmanchando, manchando e desmanchando. Ele esquece. Então, é quando a vida acontece no sempre e no agora.

Fonte: JECUPÉ. Kaká Werá. **As fabulosas fábulas de IAUARETÊ**. São Paulo: Peirópolis, 2007. p. 62-65.

## O SABER DOS AVÓS

Às mulheres velhas chamamos avós. Todas são nossas avós e temos muito respeito por elas. São pessoas especiais, experientes, bondosas. Sabem acolher como ninguém e nada passa despercebido a elas. Funcionam como “antenas” da comunidade, pois sabem ouvir e dar conselhos a todas as pessoas.

Elas têm um carinho especial pelas crianças. Gostam de ensinar, contar histórias enquanto tecem os cestos ou confeccionam artefatos de barro.

Lembro de um dia em que cheguei junto de minha avó enquanto ela confeccionava um cesto novo. Seus dedos ágeis teciam as talas de bambu com tanta velocidade que era difícil acompanhá-la. Quando notou minha presença, convidou-me para sentar.

- Como vai o meu neto hoje?
- Estou bem, minha avó.
- Não diga que está bem quando você não está. O que aconteceu?
- Briguei com meu melhor amigo. Não foi por querer, mas ele me chateou muito.

- O que aconteceu para você ficar tão magoado?
- Ele disse que eu não era corajoso como ele.

Ao ouvir minhas palavras, minha avó levantou-se da esteira onde estava e veio ao meu encontro. Sentou-se no banquinho de toco de árvore e pediu-me para sentar no seu colo, pois queria ver se eu tinha piolhos. Obedeci.

- O que você acha que levou seu amigo a dizer isso a seu respeito?
- Não sei. Acho que pode ter sido por causa da menina Kaamá.
- Ele disse isso para você na frente de Kaamá?
- Disse, sim. Eu fiquei envergonhado e muito bravo com ele.
- Compreendo. Apenas acho que ele não fez por mal, ou porque não gosta de você. Ele apenas viveu um momento infeliz. Você precisa procurar seu amigo e conversar com ele.

- Não estou com vontade de conversar com ele nunca mais.

- Você está crescendo, meu neto. Já é quase um homem e precisa encarar os desafios de frente, sem correr ou se esconder deles. Precisa entender que as pessoas erram. Algumas vezes, erram sem ter noção de que estão fazendo algo ruim. Os amigos, às vezes, cometem erros também.

- Mas, vó, ele sabe que eu gosto de Kaamá. Por que ele foi dizer isso logo perto dela? Assim, ela vai achar que não sirvo para ser seu namorado.

Minha avó deve ter sorrido por sobre minha cabeça. Senti seu peito sacudir meu corpo. Era um sorriso de compreensão. Ela já devia ter ouvido tantas vezes essas conversas que pensava como a história das pessoas se repete. Afagou meu cabelo comprido com muito carinho.

- Nada há que lhe diga que possa diminuir sua desconfiança. Só você poderá resolver isso junto com seu amigo e com Kaamá. Se fizer isso, nada ficará entre

vocês, e aí verão que a melhor coisa é resolver o conflito que se instalou. Se não quiser fazer isso, tudo bem, mas lembre-se de que é dessa forma que demonstramos coragem. É porque coragem não é só enfrentar onças e surucucus, bichos ferozes ou espíritos da floresta. Coragem é a gente olhar para dentro de si mesmo e ser capaz de tomar as atitudes mais adequadas para viver bem. Compreendeu, meu neto?

Fiz que sim com a cabeça e percebi que era hora de ir embora. No caminho, topei com meu amigo. Ele me olhou, desconfiado. Talvez achasse que eu ia brigar com ele. Não fiz isso. Eu o abracei e fomos brincar no igarapé.

Fonte:

MUNDURUKU, Daniel. **Catando piolhos Contando histórias**. São Paulo: Escarlata, 2014. p. 36-39.

<b>AUTOAVALIAÇÃO DA CONTAÇÃO DE LENDA INDÍGENA</b>			
<b>ELEMENTOS QUE FORAM DESENVOLVIDOS</b>	<b>BOM</b>	<b>MUITO BOM</b>	<b>PRECISA MELHORAR</b>
Volume de voz e entonação			
Postura corporal e gestual			
Sequência de episódios da história (início, meio e fim)			
Uso de marcadores típicos orais não planejados como: tipo, né, daí...			
Uso de articuladores para favorecer a coesão, como: então, de repente, por fim...			
Uso de recursos sonoros e visuais para apoiar a contação da história			